



A desmedida na medida de Natalia Leite

The unmeasured in the measure of Natalia Leite

Dr. Edson Luiz André de Sousa

Como citar:

SOUSA, E.L.A. A desmedida na medida de Natalia Leite. *MODOS*. Revista de História da Arte. Campinas, v. 2, n.3, p.208-219, set. 2018. Disponível em: <<http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/2025>>; DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v2i3.2025>.

Imagem: Detalhe de imagem publicada *GaúchaZH*. "Vídeo: artista mais antiga do Hospital Psiquiátrico São Pedro tem 12 mil trabalhos". Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2017/09/>>.

A desmedida na medida de Natalia Leite*

The unmeasured in the measure of Natalia Leite

Dr. Edson Luiz André de Sousa**

Resumo

Este texto aborda o trabalho de Natalia Leite, interna do Hospital Psiquiátrico São Pedro e que vem desenvolvendo um impressionante trabalho artístico. Suas obras são espécies de estiletos que buscam romper com os espaços de clausura da instituição psiquiátrica. Trago para conversar com o trabalho de Natalia um poema de Rainer Maria Rilke intitulado *A pantera*, onde o poeta ensaia uma reflexão sobre os automatismos de repetição e os movimentos que temos que fazer para interromper o movimento de girar sempre sob o mesmo ponto sem nunca sair do lugar.

Palavras-chaves

Natalia Leite; Hospital Psiquiátrico; Rainer Maria Rilke.

Abstract

This article approaches the work of Natalia Leite, a patient of the São Pedro Psychiatric Hospital, who has been developing an impressive artistic work. Her artworks are species of stilettos that seek to break with the cloistered spaces of the psychiatric institution. I bring to talk with Natalia's work a poem by Rainer Maria Rilke entitled *The Panther*, in which the poet rehearses a reflection on the repetition automatism and the movements that we have to do to stop the movement of always turning around the same point without ever leaving the place.

Keywords

Natalia Leite; Psychiatric Hospital; Rainer Maria Rilke.

A ilha é como uma pequena estrela que o espaço esqueceu
Rainer Maria Rilke

A desmedida na medida é o título de um dos cadernos de Albert Camus, onde ele fazia anotações esparsas de seu cotidiano. Este título parece ser preciso para nomear o trabalho de Natalia Leite¹ que tive a chance de ver na exposição *Lugares do Delírio* no Museu de Arte do Rio². Uma faixa de contenção bordada com linhas coloridas redesenha a geografia deste instrumento de poder. Pequenas ilhas azuis, verdes, laranjas vão tomando conta do fundo cinza da faixa, em uma inundação de vida, evocando as ilhas flutuantes do lago Titicaca. Por vezes, linhas esparsas como uma escrita em gérmen, à espera de sua gramática ainda por vir, anotações de cores que vão surgindo da mão da artista, como uma pequena e sutil rasura nesta linha de força. A faixa suspensa me faz pensar em régua, como o trabalho *Métrica* de Elida Tessler, que reúne 311 verbos no infinitivo em uma fita métrica, todos eles recolhidos do livro de Haroldo de Campos, *A arte no Horizonte do Provável*. A costura de Natalia também é uma espécie de infinitivo, redesenhando a função do objeto. Como uma régua suspensa na parede do museu, ela, que vive no Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre há muitos anos, indica uma outra lógica de medida do mundo. Uma medida na desmedida, destas experiências do fora que inundam a vida destes habitantes que resistem como pequenas estrelas que o espaço esqueceu.

Natalia Leite passou praticamente toda sua vida no Hospital Psiquiátrico São Pedro. Nasceu na cidade de Santo Ângelo (RS), em 1943. Sua primeira internação psiquiátrica foi em 1956, quando ela tinha apenas 13 anos de idade. Voltou a ser internada em 1959 e continua interna até os dias de hoje. Foram feitas muitas tentativas de encontrar seus familiares, sempre sem êxito. Muito jovem ela ainda trabalhou como doméstica em Porto Alegre, evocando assim a história de milhares de mulheres lutando para sobreviver em subempregos precários. Natália é uma das moradoras mais antigas do Hospital São Pedro e participa da oficina de criatividade Nise da Silveira desde sua criação em 1990. Atualmente a oficina tem catalogada em torno de 12.000 trabalhos de Natalia Leite. Estas imagens são como vozes ruidosas registrando sua presença, sua história, seu mundo – imagens que desdobram uma potência política na medida em que resistem ao apagamento de tantos anônimos excluídos nas instituições asilares de nosso país.

A oficina de criatividade do Hospital São Pedro em Porto Alegre foi criada por iniciativa de alguns servidores, liderados pela psicóloga Barbara Neubarth, que vem trabalhando neste projeto desde sua fundação em 1990. Este projeto encontrou sua inspiração no trabalho pioneiro e revolucionário da psiquiatra Nise da Silveira que fundou em 1952, no Rio de Janeiro, o Museu Imagens do Inconsciente. O acervo da oficina possui, neste momento, em torno de 200.000 peças. A partir do ano 2000 um outro projeto veio compor o trabalho da oficina, ou seja, a construção, organização e catalogação de seu acervo. Este trabalho foi coordenado pela professora do Instituto de Psicologia Tania Fonseca. Posteriormente, integrou também este projeto a professora do Instituto de Artes, Blanca Brittes. No catálogo do 30º Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, um dos prêmios mais importantes instituídos no Brasil pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), concedido à Oficina de

Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, Barbara Neubarth declarou o seguinte: “O trabalho na oficina se debruça sobre a produção expressiva de pessoas que vivem atormentadas por intenso sofrimento psíquico. Mesmo estando na área da saúde, nossa pesquisa se vincula a área da cultura, pois integra questões sobre ética, estética, inclusão, memória e testemunho, além de envolver complexas condições de conservação do acervo” (IPHAN, 2017, p. 29).

Voltemos então à exposição *Lugares do Delírio* que teve uma nova montagem no Sesc Pompeia na cidade de São Paulo de abril a julho de 2018. Além da obra que mencionei na abertura deste texto, Natalia tinha ainda outros quatro trabalhos nesta mostra.

Escolho um deles, como um pequeno farol, que nos dá a chance de adentrar o espaço do seu mundo de imagens: comovente, enigmático, musical.



Fig. 1. Bordado sobre tecido, sem data. Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, Porto Alegre, RS. Fotografia: Mario Eugênio Saretta.

Casas flutuantes

Quatorze casas lado a lado como um pequeno mundo à espera de seus habitantes. As casas estão vazias em um tempo de espera. A imagem do retorno à casa de origem é paradigmática de toda experiência humana. Mesmo aqueles que viveram a infância como um abandono, sonham retornar para um lugar de aconchego e conforto. Natalia costura estes cenários coloridos instilando suas histórias em

nosso olhar. Nos telhados, linhas como ondas andantes indicam uma espécie de pauta que aguarda uma escrita por vir. Há uma urgência da letra, da palavra, da forma nessas vidas presas à lógica hospitalar. Ela nasceu em Santo Ângelo, território outrora dos guaranis: cenário de destruição, de outras faixas de contenção, que tentaram silenciar as vozes de um povo que tinha outros mapas no espírito, outros deuses no céu, outra gramática no corpo. De tudo isto, ficaram ruínas que ainda contam suas histórias tão esquecidas. Como escreve Ernst Bloch em seu *Princípio Esperança*: “Do mero interior, algo procura vir à tona. O urgente se exterioriza primeiramente como *almejar*, ambicionando alguma coisa. Se o almejar é *sentido*, então passa a ser um *ansiar*, a única condição sincera de todos os seres humanos” (Bloch, 2005: 49). O trabalho de Natalia tem a força desta urgência. As casas estão próximas no sentido mais radical do que entendemos por solidariedade: algumas como se estivessem de mãos dadas em alguma brincadeira de roda em que se gira em círculos concêntricos, dança de força em torno a um ponto oculto (Rilke, 2007: 57). Alguns telhados se tocam e se sobrepõem, mas o contato é feito no espírito da transparência: nenhuma construção faz sombra à outra, vemos através do primeiro plano as formas do plano de fundo. Nestes vértices surgem pequenas faíscas, impulsos criativos que revelam a força de um testemunho quando estamos dispostos a escutar de perto o que estas vidas enclausuradas têm a nos dizer. Entre as casas, algumas araras aguardam o momento do voo, o momento do canto, o momento da beleza que virá. Seguimos o voo de André Breton: “A beleza será convulsiva ou não será” (Breton, 2007: 146).



Fig. 2. Natalia Leite, *Sem título*, bordado sobre tecido, sem data. Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, Porto Alegre, RS. Fotografia: Mario Eugênio Saretta.

Imagens que surgem do fundo de uma desmedida da vida, buscando espaços de respiração para fora das paredes do hospital psiquiátrico. Ver estes trabalhos de Natalia no Museu de Arte do Rio, diante do mar, em diálogo com tantas outras obras, nos mostra que suas casas flutuantes estão finalmente em circulação, *circare*. Natalia esteve na abertura da exposição. Foi sua primeira viagem de avião nos seus 75 anos de vida. Comovente ver sua alegria, em sua cadeira de rodas, cercada de tantos olhares e celebrando sua resistência e o trabalho utópico da oficina de criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Suas obras que nos abrem novos espaços de ficção como potentes dinamites à espera da faísca explosiva. Natalia, como a pantera de Rilke, se lança com imagens para fora das grades. Sua obra testemunha da força de sua luta, de sua rebeldia.

Toda ficção traz o gérmen de uma rebeldia. Não existe rebeldia sem ficção. Esta palavra tem muitas derivações semânticas. Vem do latim *Re bellis*, *Re bellare*, *Re* (contra) *Bellar* (guerrear), guerrear contra, desobedecer. No francês do século XVI rebelar podia ser usado como girar, desviar (rebelar o rosto para outro lado). Movimento, portanto, de resistência, de desvio. O verbo latim *volvere* está na origem de rebeldia e só posteriormente foi adquirindo um sentido mais próximo à política. *Re volvere. re volução...* Derivações semânticas como curva, entorno, volta, revolta são da mesma família. Este pequeno percurso etimológico já nos anuncia a potência política do termo ficção quando este abre espaço para a rebelião. Em tempos nos quais vemos surgir assustadoramente no Brasil discursos contra mostras de arte, lembrando as cruzadas contra a arte dita degenerada, precisamos lembrar da indissociabilidade entre ficção e rebeldia. Contra estes discursos fascistas, que querem impor um único modo de ver o mundo, nada como produzir ainda mais arte.

Vamos encontrar o termo ficção logo na abertura dos *Escritos* de Jacques Lacan com o clássico texto sobre a Carta Roubada, onde veremos enlaçada a relação entre verdade e ficção. Neste texto Lacan nos apresenta um sujeito virado ao avesso pela ventania do significante. A verdade ali em questão é a ordem simbólica, constituinte do sujeito. É esta verdade, escreve Lacan, que possibilita a própria existência da ficção. (Lacan, 1998: 14). Em outro momento, no *Seminário sobre as Relações de Objeto* vai ser mais categórico, ao dizer que “a verdade tem a estrutura da ficção” (Lacan, 1956/1957: 134). Abalo sísmico da psicanálise na pretensão daqueles que querem encontrar algum ponto fixo que nos oriente em relação à verdade. Aqui, a verdade, surge como ex-cêntrica, como fora do lugar e se há uma “**fixão**” em cena é a do real, ou seja, do impossível que **fixa** o sujeito na linguagem. Lacan, em sua gangorra poética, joga com esta imagem de ficção e fixão no “Aturdido”, conferência que realiza pelo quinquagésimo aniversário do hospital Henri-Rousselle em 1972. *Etourdi*, em francês significa distraído, que age sem refletir, o que vive no mundo da lua. O distraído que nos salva, pois como lembra Leminski, distraídos venceremos. *Tour* (volta) *tourner* (dar voltas), dar voltas em torno do “dire”, do dizer e do dito.

Natalia é uma espécie de pantera distraída, contida por tanto tempo em grades institucionais, mas que procura um novo espaço de circulação. Entremos juntos na jaula de uma pantera conduzidos pela mão de Rainer Maria Rilke, o poeta triste, taciturno que inspira Freud a escrever “A transitoriedade”. *The Panther* (*A pantera*) é um poema de Rilke. A pantera que gira, movimento inquieto circular, repetitivo, desesperado, contido. O que nos indica o movimento circular da pantera? A história deste poema é curiosa. Rilke era secretário do escultor Auguste Rodin em Paris, e fora instigado por este a fazer uma

visita ao Jardim des Plantes e só retornar de lá com um poema escrito. Rilke sai com seu pequeno caderno de notas e diante da jaula da pantera escreve um dos seus mais belos poemas “sob encomenda”.

De tanto olhar as grades seu olhar
esmoreceu e nada mais aferra.
Como se houvesse só grades na terra:
grades, apenas grades para olhar.

A onda andante e flexível do seu vulto
em círculos concêntricos decresce,
dança de força em torno a um ponto oculto
no qual um grande impulso se arrefece.

De vez em quando o fecho da pupila
se abre em silêncio. Uma imagem, então,
na tensa paz dos músculos se instila
para morrer no coração.

Tradução de Augusto de Campos (Rilke, 2007: 57)

Deixemos em suspenso nossa pantera em sua jaula e daqui há pouco retornaremos a ela. Escrever é também girar. Mas girar em torno do quê? Escrevemos para **fixar, ficcionalizar** o nome que se apaga, adentrar minimamente nossos insertões, para poder ver mais de perto a ferida, este íntimo expropriado por uma lógica de funcionamento das máquinas de poder, as quais tentam silenciar nossa inquietude com o espectro de pensamentos *prêt-à-porter*, nos dando a ilusão que estamos tomando posição. Mas basta um pouco de distância deste motor ruidoso, que nos faz girar em círculos, para perceber que, por vezes, estes lugares que ocupamos estão esvaziados de sujeitos. Um lugar de sujeito, sabemos, só surge como efeito de um ato. É este que coloca em cena a radicalidade do discurso analítico que, como Freud indicou, abre espaço para que possamos saber um pouco mais sobre os avessos que nos constituem. Precisamos nos aproximar destes avessos como o faz a artista Rachel Whitehead³ indicando o oco que recobrimos com imagens.

Por esta razão, ocupar minimamente uma posição de autoria no pensamento implica necessariamente recusar o consumo de pensamentos de prateleira. Aqui nos aproximamos da radicalidade da experiência psicanalítica, que tenta fazer furo nestes espaços totalitários de discurso, abrindo para o sujeito a chance de uma narrativa por vir, de um mundo por vir, como enuncia Eduardo Viveiros de Castro. Não há esperança possível se não desligarmos a máquina de tortura de Kafka descrita em seu texto *Colônia Penal*, cujo funcionamento ruidoso impede que se escute qualquer palavra. Mas como desligar a máquina? Como desmontar a máquina? Como explodir a máquina? Como olhar para o interior da máquina para entender minimamente seu funcionamento? Gaston Bachelard sobre este ponto nos dá uma pista em seu ensaio “A terra e os devaneios do repouso”.

A partir dessa vontade de olhar para o interior das coisas, de olhar o que não se vê, o que não se deve ver, formam-se estranhos devaneios tensos, devaneios que formam um vinco entre as sobrancelhas. Já não se trata então de uma curiosidade passiva que aguarda os espetáculos surpreendentes, mas sim de uma curiosidade agressiva, etimologicamente inspetora. É esta a curiosidade da criança que destrói seu brinquedo para ver o que há dentro (Bachelard, 2003:8).

Curiosidade agressiva!!! É aqui que o ato analítico entra em cena no espírito da curiosidade infantil e, diria mais, uma curiosidade que só se sustenta com uma coragem diante do risco de adentrar territórios desconhecidos. Aqui vislumbramos uma ética possível do “*Wo Es War , Soll ich Werden*” freudiano que eu traduziria por “Não renunciaremos a salvar o navio na tempestade, só porque não saberíamos impedir o vento de soprar” (Morus, 2000: 57). Esta é uma bela proposição do clássico texto de Tomas Morus *A utopia*, publicado em 1516, portanto há 500 anos atrás. Trata-se de uma ética do desejo! Não é este o testemunho que podemos recolher destas costuras coloridas de Natalia?



Fig. 3. Natalia Leite, *Sem título*, bordado sobre tecido, sem data. Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, Porto Alegre, RS. Fotografia: Mario Eugênio Saretta.

A utopia, como todos sabem, é uma ilha de papel, uma ilha de discurso, uma ficção rebelde que convoca o desejo a ocupar posição abrindo espaço para imaginar outros mundos possíveis, outras formas de viver, portanto tem a função crítica de desmontar as lógicas de vida que se instauram nos sujeitos como

universais e naturais. Como lembra Ernst Bloch, em seu *Princípio Esperança*, a utopia quer enxergar bem longe, mas apenas para atravessar a obscuridade mais próxima que acabou de ser vivida (Bloch, 2005: 23). Neste sentido, ela é uma convocação para um agir no aqui e agora. Não há violência mais cruel do que a anestesia de nossa capacidade de sonhar, de imaginar, de desejar. Neste ponto Emil Cioran tem toda a razão ao lembrar que “Só agimos sob a fascinação do impossível: isto significa que uma sociedade incapaz de gerar uma utopia e de consagrar-se a ela está ameaçada de esclerose e de ruína” (Cioran, 1994: 101).

Quando nosso girar em círculo não sai do lugar, os automatismos de repetição nos levam para tão perto deste ponto de giro que corremos o risco de naufragar na própria ruína em torno da qual circulamos. Assim giramos em torno da ruína, a ruína como objeto. Sigo aqui a pista de Gérard Wajcman, em seu livro *O Objeto do século*, no qual propõe pensar a ruína como objeto que se faz de restos de um objeto. Contudo, o trágico em cena é quando a ruína adentra cenários de esquecimento, lógicas de forclusão, em um tempo que pretendeu inventar destruições sem ruínas. Histórias muitas vezes vividas na clausura de tantas instituições psiquiátricas. Como lembrar aquilo que é sem resto? Aqui encontramos a potência política mais radical da psicanálise e da invenção freudiana que entra em cena para recolher, escutar, dar outras formas a estes restos.

Giramos em círculos diante destas ruínas que se acumulam, como na imagem proposta por Walter Benjamin a partir da pintura de Paul Klee, *Angelus Novus*, na tentativa de escutar o que nos dizem. Sem esta escuta não sairemos do movimento de repetição paralisante e mortífero. Este é o anjo da história que segundo Benjamin

...vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acomodar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso” (Benjamin, 1985: 226).

Voltemos a nossa pantera/rodin, rodeando em torno a um ponto oculto, músculos gradeados por rimas, imãs que acionam um magnetismo da origem que buscamos desvendar como um plano de voo possível para o que está por vir, origem como horizonte, *ursprung*, origem como salto, buscar o centro se distanciando dele, tentando abrir espaços de palavra e imagem em seu movimento circular nas bordas do discurso. O que está em jogo nesta cena em que o vulto pulsional em sua onda andante e flexível gira incessantemente em círculos concêntricos?

Proponho pensar este giro como da ordem do circuito pulsional. Meu ponto de partida é a proposição que Lacan vai fazer na aula do 26 de março de 1969 no Seminário *De Um Outro a outro* trazendo para discussão a noção de **CIRCARE**. Ele define este termo da seguinte forma “girar em círculos em torno a um ponto central, enquanto alguma coisa não é resolvida” (Lacan, 1968). Mas o que significa resolver? Não seria se aproximar tanto quanto possível deste objeto-causa na medida em que buscamos justamente as bordas do circuito em torno do qual nos movemos? Tensionar as bordas, correr o risco de buscar este lugar fora e assim tensionar o furo que nos constitui. Espaços do fora. Nos aproximamos

deste furo na linguagem por aquilo que faz borda. Buscar este centro no ex-cêntrico e romper a lógica circular, pois mesmo que Copérnico tenha avançado um pouco, trocando o objeto em torno do qual giramos, nada mais foi que um reformista pois, lembra Severo Sarduy em seu texto sobre o Barroco, a verdadeira revolução foi a Kleperiana que mostrou que nosso giro em torno do sol é elíptico. A elipse como perturbação do círculo, da cosmologia da esfera, a condição ex-cêntrica da elipse. A pulverização do centro instituindo outra relação com o mundo, que eu nomearia como *Keplerização* da vida. A hipótese que nos parece evidente é que os sujeitos podem se situar de forma mais substancial no furo em torno do qual giram, se conseguem tocar minimamente as bordas do discurso deste fora que os constitui. Não é este o fundamento do trabalho analítico, abrir espaço para um êxtimo que conjuga o íntimo radical e a exterioridade? Mesmo que este furo continue inacessível há efetivamente ganho de posição se podemos tensionar as bordas que desenhemos em seu entorno. Quando o espaço de ficção engasga não paramos de girar em torno de um eixo como as ovelhas de Francis Alys na performance que fez na Cidade do México intitulada *Contos Patrióticos*⁴. Como sabemos, as lógicas perversas do poder que se consagram a tapar o buraco no Outro, nos abrem muitos desertos que, com suas proposições totalitárias de discurso, com suas certezas, com seus trilhos, lançam os sujeitos dentro de suas pequenas jaulas, suas opacidades subjetivas.

Rilke desmonta a jaula da pantera, abre um furo por entre as grades injetando novas imagens. Natalia também rasga este cerco construído por tantas faixas de contenção com seu traço determinado, com sua costura utópica nos mostrando outros mundos por vir, onde nossas casas podem voar, desafiando mapas e fronteiras. *Circare* vem do francês antigo *Cerchier*, *Chercher*, ou seja, procurar. Lacan vai desenvolver amplamente este tema no seminário RSI de 1974-1975. Dali também deriva círculo, *circus*, do grego *Kirkus* (círculo, ringue). A palavra cárcere surge também desta mesma raiz.

Como desmontar a máquina para que possamos nos situar um pouco mais em relação ao ponto cego em torno do qual giramos? Como primeiro esboço de resposta podemos dizer o seguinte: buscando o que faz furo no discurso, acionando seus limites, suas fronteiras, desvelando sua pretensão totalitária.

Na pantera de Rilke a imagem se instila (instilar é verter gota a gota) para morrer no coração. Mas Rilke reage ao escrever um poema, acompanha a agonia da pantera, tenta apreender este girar em círculos para nos acordar, (*cordi*) (coração) e nos indicar que para pular para fora da jaula é preciso (coragem) (*cordi*), coragem de se aproximar deste ponto cego em torno do qual giramos incessantemente. Para isto preciso imaginar um fora da jaula, atravessar as grades. Coragem de produzir atos que acionem outras posições possíveis no mundo, utopias, infinitivos de imagens por vir, imagens que recuperem a potência de colocar uma casa no espaço ou uma arara no céu para que possamos seguir nossa trilha atrás destas novas canções, nos trabalhos musicais de Natalia Leite.



Fig. 4. Natalia Leite , *Sem título*, têmpera sobre papel, sem data. Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, Porto Alegre, RS. Fotografia: Mario Eugênio Saretta.

Referências

BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso – ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BLOCH, E. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2005.

BRETON, A. *Nadja*. São Paulo: Cosac Naify Ed., 2007.

IPHAN. 30º Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Catálogo de exposição, 2017.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. La relation d'objet et les structures freudiennes, *Séminaire 1956-1957*. Paris : Document interne à l'Association Freudienne.

LACAN, J. *D'un autre à l'autre*, 1968-1969, Document interne à l'Association Freudienne, Paris.

MORUS, T. *A utopia*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

RILKE, R. M. *Coisas e anjos de Rilke*. Tradução de Augusto de Campos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007

Notas

* Uma parte deste texto, bastante modificado, foi apresentado com o título “Ficções Rebeldes”, na Jornada da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Subversões e Resistência – o sujeito em questão, em 7 de outubro de 2017

** Professor Titular do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e Professor PPG Psicanálise – Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da UFRGS. Pesquisador do CNPq. Email: edsonlasousa@uol.com.br.

¹ Natalia Leite, interna desde 1959 no Hospital Psiquiátrico São Pedro. Artista e participante da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre.

² Exposição *Lugares do Delírio* no Museu de Arte do Rio de 7 fev. 2017 a 17 set. 2017 com curadoria de Tania Rivera.

³ Refiro-me a uma série de trabalhos desta artista que consiste a preencher o vazio das formas e expô-las como uma espécie de avesso do objeto ver <<https://www.artsy.net/artist/rachel-whiteread>>. Acesso em 3 jun. 2018.

⁴ Ver o trabalho de Francis Alys em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UtWUqBR1Eww>>. Acesso em 3 jun. 2018.

Artigo recebido em abril de 2018. Aprovado em julho de 2018.